

## 17— 19 outubro

### Futuros e Assombrações

FUTUROS E ASSOMBRAÇÕES regressa este outubro ao TAGV com a sua segunda edição. Este ciclo, programado e acolhido pelo TAGV, tem por objetivo mapear e apresentar artistas que se dediquem à performance arte. O ciclo pretende focar-se no passado e presente da performance em Portugal, assumindo o carácter expandido que caracteriza esta forma de arte hoje. Reveste-se por isso de várias formas, dialogando com as artes visuais, a música experimental, as artes performativas como a dança e o teatro, e ainda com diversas formas de ativismo social e artístico. Na edição de 2024, o TAGV apresenta trabalhos da coreógrafa e bailarina Cláudia Dias, da dupla de artistas Dori Nigro e Paulo Pinto, e ainda da encenadora e atriz Raquel Castro. Este ciclo conta com a curadoria de Fernando Matos Oliveira e de Isabel Costa.

**CURADORIA**  
Fernando Matos Oliveira, Isabel Costa

**PRODUÇÃO**  
Teatro Académico de Gil Vicente

**CICLO INTEGRADO**  
NO LABORATÓRIO LIPA

## Conferência-Performance sobre Uma Retrospectiva 2013-2023

### De e com Raquel Castro

#### 17 outubro 18h30

A encenadora e atriz Raquel Castro traz ao TAGV uma conferência-performance sobre o projeto Uma Retrospectiva 2013-2023. Trata-se de uma exposição e de um conjunto de performances que criou com a coreógrafa Mariana Tengner de Barros ao longo de dez anos. Este trabalho experimental que tem por base a performance arte, soma não apenas um olhar atento sobre o presente vivido em sociedade, nomeadamente as transformações da cidade de Lisboa, a sua gentrificação e aumento exponencial do turismo, mas também sobre as suas próprias biografias. Neste diálogo que tomará lugar na Sala B (espaço do TAGV dedicado a projetos experimentais) Raquel Castro apresenta-nos esta exposição e fala-nos deste trabalho, relacionando-o com o seu percurso individual.

**RAQUEL CASTRO** (Lisboa) como intérprete trabalhou em teatro com Pedro Gil, Gonçalo Amorim, Madalena Victorino, Giacomo Scalisi, Ricardo Gageiro, Mickael Oliveira, Nuno M Cardoso, Mónica Calle, Rui Pina Coelho, Tónan Quito e Tiago Rodrigues. Protagonizou o filme CIDADE RABAT, de Susana Nobre. Como encenadora os seus projetos mais recentes são Turma de 95/2019, A MORTE DE RAQUEL | 2020, Terreno Selvagem | 2016 e 2022 (em cocriação com Miguel Castro Caldas e Pedro Gil) e AS CASTRO | 2023 Em 2020 recebeu o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores de Melhor Texto Português Representado com o espetáculo Turma de 95.

Sala B  
duração aprox. 1h00  
M6 / entrada gratuita

## Aula Aberta com Raquel Castro Uma Retrospectiva (2013–2023)

A artista explora o trabalho que examina a transformação da cidade de Lisboa, abordando temas como a gentrificação e o crescimento do turismo, bem como as biografias e vivências pessoais das criadoras Mariana Tengner de Barros e Raquel Castro.

FLUC — Sala do ILLP (7.º piso da FLUC)  
entrada livre / aberta a todos os interessados  
Aula aberta integrada no Ciclo Futuros e Assombrações

**17— 19 outubro****Futuros e Assombrações****FUTUROS E ASSOMBRAÇÕES**

regressa este outubro ao TAGV com a sua segunda edição. Este ciclo, programado e acolhido pelo TAGV, tem por objetivo mapear e apresentar artistas que se dediquem à performance arte. O ciclo pretende focar-se no passado e presente da performance em Portugal, assumindo o carácter expandido que caracteriza esta forma de arte hoje. Reveste-se por isso de várias formas, dialogando com as artes visuais, a música experimental, as artes performativas como a dança e o teatro, e ainda com diversas formas de ativismo social e artístico. Na edição de 2024, o TAGV apresenta trabalhos da coreógrafa e bailarina Cláudia Dias, da dupla de artistas Dori Nigro e Paulo Pinto, e ainda da encenadora e atriz Raquel Castro. Este ciclo conta com a curadoria de Fernando Matos Oliveira e de Isabel Costa.

**CURADORIA**

Fernando Matos Oliveira, Isabel Costa

**PRODUÇÃO**

Teatro Académico de Gil Vicente

**CICLO INTEGRADO**

NO LABORATÓRIO LIPA

**Tá Pió Cá, lição de raiz**

De e com Dori Nigro e Paulo Pinto

18 outubro 18h30

O alimento básico dos povos originários é mote afetivo para abraçar memórias familiares e de comunidades autogeridas e insurgentes. A mandioca é um como um rizoma que toca em velhos e novos movimentos. Cultiva existências e resistências. Esta performance ressoa as sobrevivências dos corpos do Sul Global no Norte dominante. Na peneira das violências de cá e de lá, a ancestralidade, a espiritualidade e a festa dão substância ao passo.

**DORI NIGRO** (Brasil/Porto, Portugal) performer, pedagogo, arte educador e investigador no doutoramento em Arte Contemporânea, Universidade de Coimbra. Fez mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas, na FBAUP; especialização em Arte Educação; bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Fotografia; e licenciatura em Pedagogia. Criador no Tuia de Artíficos, coletivo de criação artística que desenvolve ações em prática artística, arte/educação e arteterapia. Membro do Núcleo Anti-Racista do Porto e da União Negra das Artes.

**PAULO PINTO** (Brasil/Portugal) multiartista não binário, arte educador, arte terapeuta, psicólogo e professor. Colabora no Sintoma, na APECV e C3, no Laboratório de Criatividade e Saúde Mental, no Coletivo Tuia de Artíficos. Últimas criações: Nad(i) a a dizer ou O que faço das cinzas?, 2022 (Self Mistake e DGArtes); Santa Barba: Minha Língua na Tua, 2022 (DGArtes); Palha Encantada: Arqueologia de um Espírito Esquecido, 2021/2022 (Family Fest, CAMPUS Paulo Cunha e Silva, DGArtes); PIN DOR AMA: Primeira Lição, 2020/2022 (Serralves, Shutlle, CAMPUS Paulo Cunha e Silva, DGArtes).

**CRIAÇÃO E PERFORMANCE**

Dori Nigro, Paulo Pinto

**PARTICIPAÇÃO ESPECIAL**

Okan Kayma (percussão)

Colégio das Artes

duração aprox. 1h00

M6 / entrada gratuita

## 17— 19 outubro

### Futuros e Assombrações

FUTUROS E ASSOMBRAÇÕES regressa este outubro ao TAGV com a sua segunda edição. Este ciclo, programado e acolhido pelo TAGV, tem por objetivo mapear e apresentar artistas que se dediquem à performance arte. O ciclo pretende focar-se no passado e presente da performance em Portugal, assumindo o carácter expandido que caracteriza esta forma de arte hoje. Reveste-se por isso de várias formas, dialogando com as artes visuais, a música experimental, as artes performativas como a dança e o teatro, e ainda com diversas formas de ativismo social e artístico. Na edição de 2024, o TAGV apresenta trabalhos da coreógrafa e bailarina Cláudia Dias, da dupla de artistas Dori Nigro e Paulo Pinto, e ainda da encenadora e atriz Raquel Castro. Este ciclo conta com a curadoria de Fernando Matos Oliveira e de Isabel Costa.

#### CURADORIA

Fernando Matos Oliveira, Isabel Costa

#### PRODUÇÃO

Teatro Académico de Gil Vicente

#### CICLO INTEGRADO

NO LABORATÓRIO LIPA

## Sexta-feira: O fim do Mundo...Ou então não

De Cláudia Dias  
19 outubro 18h30

Sexta-feira é o último dos dias úteis do ciclo Sete Anos Sete Peças. Esta peça fecha um ciclo menor dentro de um ciclo maior. A seguir vem o fim-de-semana, Sábado e Domingo. A semana é inglesa. Mais ou menos: quem saberá contar as horas de trabalho dedicadas a este projeto? Imaginar os dias de descanso tornou-se um luxo. O valor do trabalho evapora-se com o ar de fim dos tempos que assombra o mundo. A ideia de fim do mundo ameaça paralisar a ação e o pensamento. Pior ainda, a ideia de fim da história faz acelerar a corrida para decidir quem será a última pessoa, quem entra e quem fica de fora da barca da história. Mas a história ainda se move, o tempo ainda avança, inexorável. Em 1947, alguns dos cientistas do Projeto Manhattan, que tinham acabado de inventar a bomba atómica, criaram, em resposta aos massacres de Hiroshima e Nagasaki e como alerta para a iminência do desterro nuclear, um relógio do fim do mundo, que marca o tempo que restaria para o apocalipse. Por exemplo, com a eleição de Trump, os ponteiros aproximaram-se mais da meia-noite. Nas contas entram a proliferação das armas nucleares, mas também as mudanças climáticas e a pandemia do Covid-19. Em 2020 estamos a 100 segundos da meia-noite simbólica. É o mais perto do fim que alguma vez o relógio marcou. Esta Sexta-feira, Cláudia Dias junta-se com os mais próximos para fechar a semana, imaginar o futuro imediato e passar a meia-noite. Talvez o fim deste mundo seja apenas o começo de um mundo novo.

CLÁUDIA DIAS (Lisboa) integrou o Grupo de Dança de Almada e o coletivo Ninho de Víboras. Colaborou com a RE.AL, como intérprete central na estratégia de criação de João Fiadeiro e no desenvolvimento, sistematização e transmissão da Técnica de Composição em Tempo Real. Leciona regularmente oficinas de Composição Coreográfica e de Composição em Tempo Real. Criou as peças One Woman Show, Visita Guiada, Das coisas nascem coisas, Vontade De Ter Vontade e Nem tudo o que dizemos tem de ser feito nem tudo o que fazemos tem de ser dito. Desde 2021 é diretora artística e fundadora da Sete Anos Associação Cultural, da qual já constam várias criações, como o início de um novo ciclo de criação de longa duração, A Coleção do Meu Pai, e DES, um projecto desenvolvido no contexto das comemorações dos 50 anos do 25 de abril.

#### DIREÇÃO ARTÍSTICA

Cláudia Dias

#### INTERPRETAÇÃO

Cláudia Dias, Vasco Vaz, Miguel Pedro

#### TEXTO

Cláudia Dias com colaboração de Jorge Loureiro Figueira e parcialmente a partir do artigo “Capitalismo artístico: quando a arte e a cultura ocupam o centro” do autor João Teixeira

#### RESIDÊNCIA DE COPRODUÇÃO

O Espaço do Tempo

#### APOIO

Companhia Olga Roriz, Pro.Dança

#### AGRADECIMENTOS

Idoia Zabaleta, Anabela Ferreira e Helder Azinheirinha - Centro Juvenil de Montemor-o-Novo/Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

auditório TAGV  
duração aprox. 50 min.  
M6 / entrada gratuita